



TRADUÇÃO **CHRISTIAN WERNER**

ODISSEIA HOMERO



11	Apresentação Richard P. Martin
63	Introdução Christian Werner
99	Da tradução
119	Personagens principais

123 **ODISSEIA**

609	Posfácio Luiz Alfredo Garcia-Roza
617	O silêncio das sereias Franz Kafka
619	Ítaca Konstantinos Kaváfis
621	Glossário de nomes próprios
627	Bibliografia
635	Sobre o autor
636	Sobre o tradutor
637	Agradecimentos

1

Do varão me narra, Musa, do muitas-vias, que muito
vagou após devastar a sacra cidade de Troia.
De muitos homens viu urbes e a mente conheceu,
e muitas aflições sofreu ele no mar, em seu ânimo,
5 tentando garantir sua vida e o retorno dos companheiros.
Nem assim os companheiros socorreu, embora ansiasse:
por iniquidade própria, a deles, pereceram,
tolos, que as vacas de Sol Hipérion
devoraram. Esse, porém, tirou-lhes o dia do retorno.
10 De um ponto daí, deusa, filha de Zeus, fala também a nós.
Os outros todos que escaparam do abrupto fim
estavam em casa, após escapar da guerra e do mar.
Somente a ele, do retorno privado e da mulher,
detinha Augusta Ninfa, Calipso, deusa divina,
15 em cava gruta, almejando que fosse seu esposo.
Mas quando o ano chegou e os ciclos volveram-se,
os deuses destinaram-lhe a casa retornar,
rumo a Ítaca, e nem lá escapou de provas,
e estava entre os seus. Os deuses se apiedavam, todos,
20 salvo Posêidon. Incansável, manteve o ímpeto

contra o excelso Odisseu até esse em sua terra chegar.
Porém aquele foi ter com etíopes, distantes moradores –
etíopes, divididos em dois grupos, varões dos extremos:
uns, onde Hipérion mergulha, outros, onde levanta –,
25 para aceitar hecatombe de touros e carneiros.
Nisso deleitava-se, sentado no banquete; e os outros,
no palácio de Zeus Olímpio, estavam reunidos.
Entre eles tomou a palavra o pai de varões e deuses;
lembrou-se, no ânimo, do impecável Egisto,
30 a quem matou o filho de Agamêmnon, o afamado Orestes.
Dele lembrou-se e entre os imortais palavras enunciou:
“Incrível, não é que os mortais responsabilizam aos deuses?
Dizem de nós vir os males; mas eles também por si mesmos,
graças a sua iniquidade, além do quinhão têm aflições,
35 como agora Egisto: além do quinhão, do filho de Atreu
desposou a lédima esposa, e a ele, que retornara, matou,
sabendo do abrupto fim, pois já lhe disséramos,
enviando Hermes, o Argifonte aguda-mirada,
que não o matasse nem cortejasse a consorte:
40 ‘Por Orestes se dará a vingança pelo filho de Atreu
quando tornar-se jovem e desejar sua terra’.
Assim falou Hermes, mas não persuadiu,
benevolente, o juízo de Egisto. Agora tudo junto pagou”.
Respondeu-lhe a deusa, Atena olhos-de-coruja:
45 “Nosso pai Cronida, supremo entre poderosos,
deveras jaz esse aí em merecido fim;
assim também pereça todo que isso fizer.
Mas pelo atilado Odisseu dilacera-se meu coração,
pelo desditoso; longe dos seus, há muito sofre misérias
50 em ilha correntosa, onde fica o umbigo do mar,

ilha arvorejada, onde uma deusa habita,
filha de Atlas juízo-ruinoso, que do mar
todo as profundas conhece, e ele mesmo sustém pilares
grandes que mantêm a terra e o páramo separados.
55 Sua filha segura o desgraçado, lamentador,
e sempre com moles e solertes contos
tenta enfeitiçá-lo para Ítaca olvidar. Mas Odisseu,
ansiando somente mirar fumaça irrompendo
de sua terra, deseja morrer. Para ele nem assim
60 aponta teu coração, Olímpio? Acaso Odisseu,
junto às naus argivas, não te agradou com caros sacrifícios
na larga Troia? Por que contra ele esse ódio, Zeus?”.
Respondendo, disse-lhe Zeus junta-nuvens:
“Minha filha, que palavra te escapou da cerca de dentes!
65 Como eu, nesse caso, esqueceria o divino Odisseu,
aos mortais superior na mente e nos sacrifícios dados
aos deuses imortais, que dispõem do amplo céu?
Mas Posêidon sustém-terra em nada diminui
sua ira pelo ciclope, de quem Odisseu o olho cegou,
70 o excelso Polifemo, cuja robustez supera
a de todos os ciclopes. Gerou-o Toossa, a ninfa,
filha de Fórcis, que cuida do mar ruidoso,
unida a Posêidon em côncava gruta.
Depois disso, a Odisseu Posêidon treme-solo
75 não tenta matar, mas faz vagar longe da pátria.
Vamos, todos nós aqui planejemos
o retorno, para que chegue. Posêidon porá de lado
sua ira, pois por certo não poderá, contra todos
os deuses imortais em oposição, brigar sozinho”.
80 Respondeu-lhe a deusa, Atena olhos-de-coruja:

“Nosso pai Cronida, supremo entre poderosos,
se isso agora é caro aos deuses ditosos,
que retorne Odisseu muito-juízo a sua casa,
e Hermes, então, o condutor Argifonte,
85 instiguemos à ilha Ogígia para, sem demora,
à ninfa belas-tranças anunciar o firme desígnio,
o retorno de Odisseu juízo-paciente, para que retorne.
Mas eu partirei para Ítaca a fim de seu filho
mais instigar e ímpeto pôr em seu peito:
90 que à ágora chame os aqueus cabelo-comprido
e anuncie a todos os pretendentes, que sempre abatem
suas copiosas ovelhas e lunadas vacas trôpegas.
Vou enviá-lo a Esparta e à arenosa Pilos
para do retorno do caro pai se informar, caso algo ouvir,
95 e que pertença-lhe distinta fama entre os homens”.
Após falar assim, atou aos pés belas sandálias,
imortais, douradas, que a levavam sobre as águas
e sobre a terra sem-fim como lufadas de vento.
Tomou a brava lança, afiada com ponta de bronze,
100 pesada, grande, robusta, com que subjuga filas de varões
heróis contra quem tem rancor, a de pai ponderoso.
E partiu, dos cumes do Olimpo lançou-se
e parou na cidade de Ítaca, no pórtico de Odisseu,
no umbral do pátio, e na palma trazia lança brônzea,
105 na forma de um aliado, o líder dos táfios, Mentés.
Achou, claro, os arrogantes pretendentes; eles
com pedras, diante das portas, deleitavam o ânimo,
sentados no couro de bois que eles mesmos abateram.
Para eles os arautos e ágeis assistentes
110 misturavam, uns, vinho e água nas ânforas,

outros, com esponjas esburacadas, mesas
lavavam e dispunham, e muita carne partiam.
Primeiro a vê-la foi o deiforme Telêmaco;
sentado entre pretendentes, agastado no coração,
115 no íntimo mirava o distinto pai: ao voltar um dia,
fizesse esses pretendentes pela casa se dispersar,
retomasse ele mesmo sua prerrogativa e regesse sua casa.
Enquanto refletia, sentado entre os pretendentes, viu Atena.
Foi logo ao pórtico, indignado no ânimo
120 por um hóspede tardar nos portões. Parado perto,
apertou-lhe a mão direita, tomou a lança brônzea
e, falando, dirigiu-lhe palavras plumadas:
“Saudação, estranho, por nós serás acolhido. Depois,
após tomar parte no jantar, enunciarás o que precisas”.
125 Assim falou, tomou a frente, e seguiu-o Palas Atena.
Quando eles estavam dentro da alta casa,
ela a lança postou, levando-a até um grande pilar,
dentro de um guarda-lança bem-polido, onde outras
lanças de Odisseu juízo-paciente havia, muitas;
130 a ela ele guiou à poltrona na qual estendera um tecido,
bela, artificiosa; embaixo, para os pés, banqueta.
Ao lado, para si, pôs variegada cadeira, longe dos outros
pretendentes, para o estranho, agastado com o alarido,
não se enfastiar do jantar, em meio a soberbos,
135 e para que o interrogasse acerca do pai ausente.
Uma criada despejou água – trazida em jarra
bela, dourada – sobre bacia prateada
para que se lavassem; ao lado estendeu polida mesa.
Governanta respeitável trouxe pão e pôs na frente,
140 e, junto, muitos petiscos, oferecendo o que havia.

O trinchador tomou e dispôs gamelas com carnes
de todo tipo, e junto deles punha taças douradas;
e para eles o arauto vinha, amiúde, escançar o vinho.
E entraram os arrogantes pretendentes. Então esses
145 em ordem sentaram-se em cadeiras e poltronas.
Para eles os arautos vertiam água nas mãos,
e pão as escravas, à frente, amontoavam em cestas,
[e moços preencheram ânforas com bebida
148^a e a todos distribuíam após verter as primícias nos cálices].
E eles esticavam as mãos sobre os alimentos servidos.
150 Mas após apaziguarem o desejo por bebida e comida,
aos pretendentes interessou, no peito, outra coisa,
canto e dança, esses, o suplemento do banquete.
Lira muito bela um arauto pôs nas mãos
de Fêmio, que cantava aos pretendentes, obrigado.
155 E ele, dedilhando a lira, entoou belo prelúdio,
mas Telêmaco dirigiu-se a Atena olhos-de-coruja,
perto pondo a cabeça, para não os ouvirem os outros:
“Caro hóspede, te indignarás contra minha fala?
Bem, a eles isto interessa, lira e canto;
160 é fácil, pois comida de outrem devoram de graça,
do varão cujos ossos brancos já apodrecem na chuva,
jazendo em terra firme, ou ondas no mar os fazem rolar.
Se vissem que a Ítaca esse homem retornou,
todos rezariam para ser mais ligeiros nos pés
165 que mais abastados com ouro e vestes.
Não, está morto assim, vil quinhão, e não temos
consolo, ainda que algum dos homens terrestres
afirme que voltará: perdeu-se seu dia de retorno.
Mas vamos, diz-me isto e conta com precisão:

170 quem és? De que cidade vens? Quais teus ancestrais?
Chegaste em que nau? Como os nautas a ti
conduziram até Ítaca? Quem proclamaram ser?
De modo algum creio que a pé aqui chegaste.
A mim diz isto, a verdade, para eu bem saber,
175 se é tua primeira visita, ou se já és aliado
da família, pois muitos varões vinham a nossa casa,
outros, pois ele buscava a companhia de homens”.
A ele, então, replicou a deusa, Atena olhos-de-coruja:
“Portanto a ti, com muita precisão, isso direi.
180 Proclamo ser Mentos, do atilado Anquíalo
o filho, e reino sobre o povo táfio.
Cheguei há pouco com nau e companheiros,
singrando o vinoso mar rumo a homens outra-língua,
até Temessa atrás de bronze, e levo ardente ferro.
185 Minha nau está aqui no campo, longe da cidade,
na baía de Rêitron, sob o Néion coberto de mato.
Aliados proclamamos ser, um da família do outro,
há tempo, caso ao ancião perguntares, indo até ele,
ao herói Laerte, do qual se diz que não vem mais
190 à cidade, mas distante, no sítio, sofre misérias
com velha criada que, a ele, comida e bebida
dispõe quando a fadiga se apossa de seus membros,
arrastando-se pelo seu fértil vinhedo no morro.
Então vim, pois falaram que ele estava na cidade,
195 teu pai; mas eis que deuses o tiraram do caminho.
Não está morto sobre a terra, o divino Odisseu,
mas, ainda vivo, creio, é retido no extenso mar,
em ilha correntosa, e homens cruéis o detêm,
selvagens, que algures o seguram contra a vontade.

HOMERO Poeta ao qual se atribuíram os poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*. É pouco provável que um poeta com esse nome tenha existido, e não é mais possível reconstruir, com um mínimo de precisão, o processo pelo qual, entre os séculos VIII e VI a.C., o texto dos poemas adquiriu a forma na qual hoje são lidos. Uma das razões é que quase nada sabemos acerca do uso da escrita na Grécia no século VIII a.C., nem por que nem quando alguém teve a ideia de *escrever* um poema, já que performances poético-musicais faziam parte do cotidiano grego, ou seja, ainda no século V a.C., esse era o modo principal de recepção de uma composição poética. Por muito tempo, a poesia oral épica era composta no momento mesmo de sua apresentação. Muitos estudiosos modernos creem que um poeta muito bom tenha desenvolvido, com o uso da escrita, um poema monumental – a *Ilíada* –, e que, quando se apresentava diante do público, deixava de improvisar episódios individuais da tradição heroica grega e declamava trechos do poema, que passou a ser conhecido em toda a Grécia.

Se isso for verdade – e disso nunca teremos certeza –, então também é provável que um outro poeta teria composto um segundo poema monumental, a *Odisseia*, tentando sobrepujar o autor da *Ilíada*. Fato é que, ainda no século VI a.C., “Homero”, na Grécia, era o nome associado a um gênero poético, o épico, e a ele também eram atribuídos outros poemas. Somente no século V a.C. a *Ilíada* e a *Odisseia* adquiriram, em Atenas, um estatuto canônico tal que todo poema épico posterior passou a ser medido em relação a eles ou a emulá-los. Não à toa várias cidades gregas disputaram, desde cedo, a honra de ter sido a terra natal do bardo. Outra história que se conta sobre ele é que era cego, assim como seu confrade Demódoco, personagem da *Odisseia*. Para tornar vivo o passado heroico, o poeta, se abençoado pelas Musas, não precisaria ter visto nada do que conta. Dizer que Homero era cego é apontar para características da própria tradição épica.

CHRISTIAN WERNER Professor livre-docente de língua e literatura grega na Universidade de São Paulo, é autor da monografia *Memórias da guerra de Troia: a performance do passado épico na Odisseia de Homero* (Coimbra, 2018) e de traduções de Eurípides e Hesíodo, além de artigos e capítulos de livro sobre diversos aspectos da literatura grega arcaica e clássica e de sua recepção na modernidade, especialmente em João Guimarães Rosa.

CRÉDITOS

A apresentação de Richard P. Martin foi originalmente publicada em *The Odyssey* (tradução para o inglês de Edward McCrorie) e aqui traduzida com a permissão de Johns Hopkins University Press. © 2004 Johns Hopkins University Press.

O posfácio do escritor Luiz Alfredo Garcia-Roza foi escrito especialmente para a primeira edição, publicada pela Cosac Naify.

“O silêncio das sereias” foi escrito em 23 de outubro de 1917, publicado em *Beim Bau der chinesischen Mauer und andere Schriften aus dem Nachlaß (in der Fassung der Handschrift)*. Frankfurt am Main: Fischer, 1994.

“Ítaca” foi escrito em 1911 e integra o livro *Poemas. Seleção, estudo crítico, notas e tradução de José Paulo Paes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

A editora agradece a Sergio Telarolli por ceder gentilmente a tradução de “O silêncio das sereias”, de Franz Kafka, e a Dora Paes e a Editora José Olympio pela tradução de “Ítaca” de Konstantinos Kaváfis.

© Ubu Editora, 2018

Colagens ODIRES MLÁSZHO

Coordenação editorial MARIA EMILIA BENDER
Assistente editorial ISABELA SANCHES
Preparação MARIANA DELFINI
Revisão THIAGO LINS, CLÁUDIA CANTARIN
Design ELAINE RAMOS, GABRIELA CASTRO
Assistente de design LIVIA TAKEMURA
Reproduções fotográficas NINO ANDRÉS
Tratamento de imagem IPSIS
Produção gráfica LILIA GÓES

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Odisseia: Homero
Tradução e introdução: Christian Werner
Colagens: Odiros Mlászho
São Paulo: Ubu Editora, 2018
640 pp.

ISBN 978 85 92886 15 8

1. Literatura grega 2. Poesia épica clássica I. Werner, Christian. II. Martin, Richard P. III. Garcia-Roza, Luiz Alfredo IV. Kafka, Franz V. Kaváfis, Konstantinos.

821.1402

CDD-883

Índices para catálogo sistemático:
I. Literatura grega: Poesia épica: 883

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

[11] 3331 2275

ubueditora.com.br